QUER*TROCAR*?

Amara Moira

Vou tirar a blusa e a faixa, mas você não olha, ele disse, ok, e eu fiz que sim sem nem perguntar o quê, olhos fixos nos dele, tentando não olhar mais nada fora eles dois, travada naqueles dois olhões pretos através dos óculos pra ver se o deixava à vontade. Ele me beijou.

Querer ver o que não podia eu queria, saber como era o seu peito, peitos, nem sei que palavra usar, singular, plural, aquele volume teso por sob a faixa quando ele me prensou na parede antes de entrar no quarto, sim eu queria, mas estava um tanto quanto escuro ali, luz só a que vinha pela porta entreaberta do banheiro, ele expressamente me pedindo não, então não. Ok.

Livres agora, blusa e faixa no chão, ele veio pra cima de mim e beijou lábios, nariz, queixo, pescoço, os peitos se esfregando, arrastando pelo meu corpo, livres, invisíveis, eu ainda inteirinha vestida. Melhor você olhar logo, ele riu arrumando os meus óculos, senão vou ficar noiado achando que você quer ver, com medo do que vai achar, ele riu outra vez, tensão rondando os nossos corpos e se enfiando entre a gente naqueles lençóis, mas jurei que tava tudo normal, que não tinha nada o que ver ali, se ele não quisesse. Deixa de besteira e me beija, eu disse, ele logo me beijando, os óculos indo junto, agora só o borrão da transpiração e as marcas da pele dele na lente, eu ainda com os olhões travados no mesmo lugar, tentando em vão disfarçar o nervosismo. Beijo sim, ó, ele sempre rindo, mas é melhor você ver mesmo

com medo do que vai achar, ele riu outra vez, tensão rondando os nossos corpos e se enfiando entre a gente naqueles lençóis, mas jurei que tava tudo normal, que não tinha nada o que ver ali, se ele não quisesse. Deixa de besteira e me beija, eu disse, ele logo me beijando, os óculos indo junto, agora só o borrão da transpiração e as marcas da pele dele na lente, eu ainda com os olhões travados no mesmo lugar, tentando em vão disfarçar o nervosismo. Beijo sim, ó, ele sempre rindo, mas é melhor você ver mesmo assim, os olhos como que reforçando o convite. Tem certeza, por mim não precisa, eu já disse, disse pra ele. Vai, que você não vai ver nem nada, ele disse me tirando os óculos, antes que eu mude de ideia, vai, fui, os dois rindo agora, nossa, que nossa?, nossa, maior que o meu, quer trocar? ele brincou, pegando um deles com as mãos e girando como se o desrosqueasse. Se bem que peito grande por peito pequeno ainda é peito por peito, não vejo muita vantagem, ponderou agora, agora peito por uma outra coisa que tem quase o mesmo som de peito, aí a gente podia até conversar… E quem foi que te disse, ô beleza, que eu tenho essa outra coisa que tem quase o mesmo som de peito? Falei e meio fechei a cara e ele riu gostoso não me levando a sério, em resposta, bom, se você não tem, então deixa quieto, provocou, e mordida eu

pensei em tudo quanto é outra palavra que lembrasse peito, até me deparar com peido e resolver entrar na brincadeira. Cuidado com o que deseja, rapazinho…

ah, é?, cuidado, como assim cuidado? Ele me olhou pareceu que sério, em dúvida se eu tava brava ou se era só zueira, mas, mal falei, já me arrependi e, tentando não estragar o clima, puxei de volta o rosto dele e lá fomos nós nos beijos, línguas soltas, mãos por todos os lados, pra ver se a gente parava de falar bobagem. Consegue ver quanto?, ele perguntou, se desvencilhando dos meus braços e testando os óculos no rosto. A lente é grossinha. Falei que não sabia bem o que eu tinha, anos sem ir no oftalmo e ainda essa memória ruim, sempre esqueço, mas que de perto, se não for coisa muito pequena, até que dava sim. E achou o quê do que viu?, ele quis saber. E eu ia achar o quê? Só um pedaço de carne e a gente igual dois jacus, eu sem nem ter enxergado direito falei acho que algo assim, um não, ele brincou, dois, dois, montado em cima de mim e levando minhas mãos na direção deles, dois senhores pedações. Botou peito e mãos (dele e minhas) pra conversarem em sua língua própria, a da pele, tato, única de que dispunham, o tremormor masticticando as palalavras, tornando-as-as incompreensíveis quase, ou talvez justo o contrário, dando a elas mais sentido que nunca.

Meus olhos, enquanto isso, pareciam de enfeite, perdidos na escuridão e embaçamento, mas vistos com atenção (e eles estavam, sim, sendo vistos, parte central do espetáculo) se perceberia que também falavam, e falavam muito, seja do prazer que sentiam, seja do que poderiam sentir se lhes devolvessem os óculos. Rainha da estabanação, apalpei devagar levinho ora um peito de cada vez ora os dois mas com movimento igual, concentradíssima, senão me embananava toda, ele com as mãos me indicando a força adequada, até que do nada, deu, né?, puxou as minhas pra trás, pras costas e lá as deixou, voltando ao terreno onde eu me saía melhor, beijos. Se tesão não era bem a palavra, ruim tampouco estava, os dois já menos tensos, mas eu ainda, e por toda a noite, incapaz de qualquer certeza sobre a sua excitação real. Ele era algo mais moço, vinte e pouquinhos anos, eu beirando os trinta, mas quem conduzia a cena era ele e eu tava era gostando horrores de ser conduzida e de me sentir tão refém. Via em seus gestos, na forma como me abraçava, beijava, botava a língua em minha boca, tudo, tudo a reprodução exata do que eu tive uma vida inteira de ser, e ali era como se eu finalmente passasse o bastão, toma, sua vez de brincar com isso, por isso o gozo.

Mesmo quando, pura pose, ele errava a mão nessa

coisa mais virilzona, dando à cena uns contornos forçados de violência, mesmo esses momentos tinham seu quê de graça e me faziam pensar nas mulheres com quem me relacionei antes, se também elas me analisavam assim, percebiam assim meu comportamento. Eu sorria, ele perguntava o que foi, eu, ãn, fazia a desentendida, e seguia o jogo. Um ano que já tinha deixado (ah é, tinha mesmo?, simples assim?) de ser esse homem que me ensinaram que eu era e a vida era agora decifrar os por trás de cada mínimo gesto, pensar o que se queria dizer por meio deles. De um lado, aspirantes a homem e/ou mulher, autodidatas do gênero, gente que só tem seu gênero reconhecido em função do "notório saber", e, de outro, especialistas diplomades em alguma das duas categorias, bacharéis por assim dizer, gente treinada uma vida inteira para ser homem ou mulher, o título pregado na testa (e como é difícil contestar um título!), era assim que eu agora dividia o mundo e, autodidatas ou bacharéis, eu estranhava a atuação de ambes, assim como a minha própria e a desse rapaz. Mais nada era natural. Achava, inclusive, engraçado ele me dando tapas na bunda sem perguntar se podia, engrossando a voz, querendo bancar o homão todo seguro de si, segurança que não era difícil ostentar diante de mim, cegueta como eu me encontrava.

Será que era também assim que ele me via? Ah, ó lá ela tentando ser menininha delicadinha igual tive de fazer toda a vida, deitando por baixo de mim, brincando de me deixar no controle... e nisso de achar que eu deixava, que era só brincadeira, quem é que de fato controlava o quê? Homem, mulher, tudo era não mais que um jogo e eu em dúvida se devia, por medo do fracasso, tratar aquilo como amistoso ou se, ao contrário, assumia era logo a partida como oficial, valendo pontos no ranking. E o resto, não tira?, arrisquei. Eu é que te pergunto... tá do jeitinho que entrou no quarto, só sem a sandália.

Sandália que ele próprio tentou tirar e que eu não deixei por medo de estar com chulé e por achar grandes meus 39/40. Mentira, eu tava também sem óculos, você me tirou os óculos, e isso é quase pior do que me deixar nua. E quer dizer que ficar nua é ruim? Ruim não e ele nem deixou eu terminar a frase, já foi me beijando e enfiando a mão por baixo do vestido, apalpando coxa, bunda, aqui e ali intrometendo-se entre a calcinha e a pele, querendo por que querendo tirá-la e eu só petrificada olhando. Mamãe não quer que eu veja a bucetinha dela, ele disse, fazendo voz de criança enquanto bulia nas minhas partes íntimas, e eu só não desatei a rir porque no fundo amei aquele bucetinha dele, coisa mais absurda, e fiquei curiosa

pra ver aonde isso daria. Ele se empolgou. Vendo que eu não via nada e nem resistia, puxou pro lado a calcinha e deixou a bucetinha livre pra continuar a conversa. Mamãe tem vergonha de mim, queria que eu fosse diferente. Ah é, bucetinha?, diferente como?, perguntou ele olhando fundo naqueles olhos enquanto a segurava entre os dedos, eu estirada à cama, um braço pra cada lado, imóvel, só sentindo os toques e imaginando a cena. Assim não tão pra fora, ela respondeu... queria que eu fosse mais recolhida, mais interna. Mas, você, bucetinha, como é que você queria ser? Te achei tão linda. Ela não sabia responder com palavras, ficou muda, mas as feições que foi assumindo indicavam, para horror da dona (se é que dá pra falar em dona), que ela estava encantada, que gostou do elogio. Para, eu não queria isso em mim, ainda tentei dizer, mas ele já tascou logo um xiu!, tô conversando com a bucetinha, deixa que a gente se entende. Já beijou na boca, bucetinha? Seus lábios já conheceram outros lábios?

Ela fez que não em seus dedos, que agora a envolviam firme, e gelou sentindo a bocona se aproximar. Distribuiu chupadas e lambidas por ela inteira, ela que desconhecia as carícias do gênero, esse gênero de intimidades. Para que tinha existido até então? Bucy, posso te chamar de Bucy? Tenho uma pessoa

pra te apresentar, você quer conhecer uma pessoa? Ela teve medo, mas naquelas mãos, por aquelas mãos, ela queria tudo e fez que sim afobada, sim sem nem saber ao certo o que ele queria dizer com isso. Abriu uma embalagem grandona de camisinha, mais que o dobro do tamanho da convencional, só essa pra caber no meu pau, brincou, mas não precisa ter medo, eu vou pôr com jeitinho, juro. Ela já não estava com medo, eu é que estava, mas não tinha nem força pra resistir. Deixei ir. Lembro ainda de ouvir ele dizer Guto, acho que ele falou Guto, prazer, trazendo-o todo encapuzado até ela pras devidas apresentações. Quanto tempo aquilo durou? Não sei, só sei que acordei grogue com ele sentado ao meu lado na cama, risonho, fazendo carinho em meu rosto com uma das mãos e segurando, na outra, um saquinho esquisito, gosmento. O corpo me doía inteiro e eu ali tonta, atordoada, sem entender nada nem conseguir me mexer. Forcei o olho pra tentar identificar o que havia em sua mão, mas ele a afastou de mim, rindo, nananão, primeiro tem que adivinhar. Ainda me perguntou se eu queria uma dica, mas mesmo antes de qualquer resposta falou que teve uma conversa boa com a Bucy e, já que você não tem tratado ela muito bem, ela quis saber se o Guto não ia gostar de uma companhia. Me beijou dizendo que aceitou

na hora a proposta e que agora ainda não tá do jeito que eu sempre sonhei, mais interna, mais recolhida, mas tá pelo menos mais plana, olha. Trouxe o saquinho gosmento mais perto, era aquela camisinha grandona e dentro havia alguma coisa mesmo. Meus olhos se umedeceram e ele secou minhas lágrimas com ternura, dizendo que tudo ia ficar bem. Foi sem pressa em direção à porta e me deixou jogada na cama, sozinha. Mais aliviada, linda?, soltou saindo do quarto, o final da frase quase inaudível com ele no corredor. Eu não sabia a resposta, e ele mais uma vez não esperou a resposta.